

Um

Somos extraordinariamente ignorantes sobre a surdez, que é designada pelo Dr. Johnson como «uma das calamidades humanas mais graves» — muito mais ignorantes do que um homem instruído teria sido em 1886 ou em 1786. Ignorantes e indiferentes. No decurso dos últimos meses, coloquei a questão a inúmeras pessoas e quase sempre me deparei com respostas como: «Surdez? Não conheço nenhuma pessoa surda. Nunca pensei muito nisso. Não há nada de *interessante* em relação à surdez, pois não?» Esta teria sido a minha própria resposta há uns meses.

Passsei a ver a questão de outro modo quando recebi um volumoso livro de Harlan Lane com o título *When the Mind Hears: A History of the Deaf*, que abri com indiferença que rapidamente se transformou em espanto e seguidamente em algo parecido com incredulidade. Discuti o assunto com a minha amiga e colega Dr.^a Isabelle Rapin, que trabalhava de perto com surdos havia vinte e cinco anos. Pude conhecer melhor uma colega surda de nascença, uma mulher notavelmente dotada, que eu tinha subestimado⁴. Co-

4 Esta colega, Lucy K., falava e lia os lábios tão bem, que no princípio não percebi que ela era surda. Foi só certo dia em que, por acaso, virei inadvertidamente a cabeça para o lado enquanto falava com ela que me apercebi de que não estava a ouvir-me mas sim a ler-me os lábios («leitura dos lábios» é uma expressão completamente inadequada para designar a complexa arte da observação, dedução e inspirada adivinhação que se passa). Quando lhe diagnosticaram a surdez, por volta dos doze meses, os pais de Lucy imediatamente exprimiram o fervoroso desejo de que a filha pudesse falar e fazer parte do mundo dos que ouviam, e a mãe dedicou muitas horas diárias ao ensino intensivo da fala,

mecei a ver, ou a explorar, pela primeira vez, um certo número de pacientes surdos que tinha a meu cargo⁵. As minhas leituras rapidamente passaram da história de Harlan Lane para *The Deaf Experience*, uma colecção de memórias escritas pelo primeiro escritor surdo, editadas por Lane, e daí passei para o livro de Nora Ellen Groce, *Everyone Here Spoke Sign Language*; a seguir, li um grande número de outras obras. Agora tenho uma estante cheia de livros sobre um tema que, há seis meses, nem pensava que existia, e vi alguns dos notáveis filmes que foram produzidos sobre o assunto⁶.

Um outro reconhecimento, em jeito de preâmbulo. Em 1969 W. H. Auden deu-me um exemplar, o seu próprio exemplar, de *Deafness*, uma notável memória autobiográfica do poeta e novelista sul-africano David Wright, que ficou surdo quando tinha sete anos de idade. «Vai achá-lo fascinante», disse ele. «É um livro maravilhoso.» Estava assinalado com as suas próprias anotações (não sei se alguma vez lhe fez uma revisão). Em 1969, dei-lhe uma vista de olhos, sem prestar grande atenção. Mas agora decidi redescobri-lo. David Wright é um escritor que escreve das profundezas da sua própria experiência — e não como um historiador ou académico que escreva sobre determinado tema. Além disso, ele não nos parece estranho. Conseguimos mais ou menos imaginar-nos no lu-

uma tarefa extenuante que durou doze anos. Foi só depois disso (quando tinha catorze anos) que Lucy aprendeu a língua gestual, que foi sempre uma segunda língua e que não lhe «ocorre» naturalmente. Continuou (com a sua excelente leitura dos lábios e com potentes aparelhos auditivos) a fazer parte de turmas «normais» (de ouvintes) no ensino secundário e na faculdade e agora trabalha, no nosso hospital, com pacientes ouvintes. Ela própria tem sentimentos contraditórios sobre a sua condição: «Por vezes sinto», disse ela uma vez, «que estou entre dois mundos e que não me enquadro em nenhum deles.»

5 Antes de ler o livro de Lane, encarava os poucos pacientes surdos a meu cargo sob uma óptica puramente médica — como «doentes dos ouvidos» ou «diminuídos otologicamente». Depois de o ter lido, comecei a vê-los sob uma luz diferente, especialmente quando observava três ou quatro deles a falar por gestos, de um modo intenso, animadíssimo, que antes nunca tinha visto. Só então comecei a encará-los não como surdos mas como Surdos, membros de uma diferente comunidade linguística.

6 Desde «Voices from Silent Hands» (Horizon, 1980), houve pelo menos meia dúzia de grandes programas em Inglaterra. Houve muitos programas nos Estados Unidos (em particular, alguns excelentes da Universidade Gallaudet, como «Hands Full of Words») — o mais recente e importante dos quais é o enorme documentário em quatro partes *Deaf*

gar dele (o mesmo já não se passa se quisermos pôr-nos no lugar de um surdo de nascença, como, por exemplo, o famoso professor Laurent Clerc). Assim, ele pode servir de ponte para nos levar através das suas próprias experiências até ao reino do inimaginável. Como Wright é de leitura mais fácil do que os grandes mudos do século XVIII, deveríamos lê-lo primeiro — porque nos prepara para eles. Quase na conclusão do livro, escreve⁷:

Os surdos pouco escreveram sobre a surdez⁸. Ainda assim, tendo em conta que só me tornei surdo depois de ter aprendido a falar, não estou em melhor posição do que uma pessoa ouvinte para imaginar o que é nascer-se no silêncio e atingir-se a idade da razão sem se ter adquirido um veículo para pensar e para comunicar. Se tivermos em conta o extraordinário início do Evangelho segundo São João: *No princípio era o verbo*, podemos perguntar como pode alguém formular conceitos em tais condições.

É na relação entre a linguagem e o pensamento que reside o âmago da problemática dos que nascem, ou muito cedo se tornam, surdos.

O termo «surdo» é vago, ou antes, é tão geral que não abarca todos os graus de surdez, não apenas de cariz qualitativo mas tam-

and Blind, de Frederick Wiseman, que passou na televisão pública em 1989. Também se deu um aumento do número das representações ficcionais televisivas sobre a surdez. Assim, em Janeiro de 1989, um episódio do novo «Star Trek», com o título «Louder than a Whisper», apresentava o actor surdo Howie Seago no papel de embaixador surdo gestualista de outro planeta.

⁷ Wright, 1969, pp. 200-201.

⁸ De facto, era este o caso quando o livro de Wright foi publicado em 1969. Desde então, deu-se uma explosão de escritos sobre surdez e surdos, dos quais o mais notável é *Deaf in America: Voices from a Culture*, pelos linguistas surdos Carol Padden e Tom Humphries. Também surgiram romances acerca de surdos escritos por surdos, como *Is-lay*, de Douglas Bullard, que tenta descobrir as percepções distintivas, a corrente da consciência, o discurso interior dos que falam por gestos. Para obter informação sobre outros livros de escritores surdos, veja a fascinante bibliografia fornecida por Wright em *Deafness*.

bém «existencial». Existem os «duros de ouvido», aproximadamente quinze milhões da população dos Estados Unidos, que conseguem ouvir alguma coisa com a ajuda de aparelhos e com algum cuidado e paciência por parte dos que com eles falam. Muitos de nós têm pais ou avós que pertencem a este grupo — há um século, eles teriam usado as suas cornetas; agora utilizam aparelhos.

Há também a «surdez severa», que, com frequência, resulta de doenças de ouvidos ou de doenças nos primeiros anos de vida; mas essas pessoas, bem como os «duros de ouvido», ainda podem ouvir falar, especialmente se recorrerem à tecnologia altamente sofisticada, computadorizada e personalizada agora disponível. Depois, há os «surdos profundos», que não têm qualquer esperança de ouvir um discurso falado por muitos progressos tecnológicos que se façam. As pessoas com deficiência auditiva profunda não podem conversar da maneira habitual — têm de ler os lábios (como fez David Wright), ou utilizar uma língua gestual, ou ambas as coisas.

Não é apenas o grau de surdez que importa mas, muito principalmente, a idade ou o estágio em que ela ocorreu. David Wright, na passagem já referida, faz notar que só perdeu a audição depois de ter aprendido a falar e que, por isso, não consegue sequer imaginar o que sentem os que nunca ouviram ou que ficaram surdos antes da aquisição da linguagem. Ele retoma o assunto noutras passagens do seu livro⁹.

Já que o meu destino era ficar surdo, tive muita sorte por tal ter acontecido aos sete anos, idade em que a criança já se apropriou do que é essencial na linguagem, que foi o que aconteceu comigo. O ter aprendido naturalmente como falar foi outra vantagem — a pronúncia, a sintaxe, a inflexão, o idioma, tudo se aprende através do ouvido. Adquiri a base do vocabulário que, com facilidade, alarguei recorrendo à leitura. *Tudo isto me teria sido negado se eu tivesse nascido surdo ou perdido a audição muito mais cedo do que perdi.* [Itálico da minha responsabilidade.]

9 Wright, 1969, p. 25.

Wright fala das «vozes-fantasma» que ouve quando alguém fala com ele, desde que possa *ver* os movimentos dos lábios e dos rostos de quem lhe fala, e de como conseguia «ouvir» o murmúrio do vento quando via os ramos das árvores por ele agitados¹⁰. Faz uma descrição fascinante deste primeiro acontecimento — da sua *imediate* ocorrência após o estabelecimento da surdez¹¹.

[A minha surdez] foi mais difícil de perceber porque, desde o primeiro momento, os meus olhos começaram inconscientemente a traduzir movimento para som. A minha mãe passava a maior parte do dia ao pé de mim e eu percebia tudo o que ela dizia. E porque não haveria de ser assim? Sem o saber, eu tinha-lhe lido os lábios durante toda a vida. Quando ela falava, parecia-me ouvir a sua voz. Tratava-se de uma ilusão que persistiu mesmo depois de eu saber que era ilusão. O meu pai, o meu primo, toda a gente que eu conhecia, ficaram com vozes-fantasma. Que elas eram imaginárias, que eram a projecção do hábito e da memória, não me ocorreu antes de eu ter deixado o hospital. Certo dia, quando estava a falar com o meu primo, ele, num momento de inspiração, tapou a boca com a mão enquanto falava. Silêncio! De uma vez por todas, compreendi que quando não podia ver, não conseguia ouvir¹².

Embora Wright soubesse que os sons que ele «ouvira» eram «ilusórios» — «projectões do hábito e da memória» —, eles manteve-

10 Wright emprega a expressão «olho musical», de Wordsworth, para tais experiências, mesmo que não sejam acompanhadas de fantasmas auditivos, sendo também utilizada por diversos escritores surdos como metáfora para o seu sentido de padrões visuais e beleza. Em especial, usa-se para motivos recorrentes (os «ritmos», as «consonâncias», etc.) da poesia em língua gestual.

11 Wright, 1969, p. 22.

12 Existe, evidentemente, uma «convergência» dos sentidos — os objectos são simultaneamente ouvidos, vistos, sentidos e cheirados; o som, o aspecto e o cheiro que têm parecem inseparáveis. Esta correspondência é estabelecida pela experiência e por associação. Normalmente, não temos consciência disto, mas ficaríamos muito admirados se determinada coisa se revelasse diferente do que o seu aspecto fizera prever — se um dos nossos sentidos desse uma impressão discrepante. Mas ficaríamos conscientes da correspondência dos sentidos se, repentinamente, ficássemos privados de um deles — ou se adquiríssemos um deles. Assim, David Wright passou a «ouvir» discursos no momento em que ficou surdo; um paciente meu sem olfacto «cheirava» flores sempre que as via (Sacks, 1985); e um